

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

**REPETIR, PARAFRASEAR, SATURAR DIZERES: A EMERGÊNCIA DE PRÉ-CONSTRUÍDOS<sup>1</sup>**  
**REPEAT, PARAPHRASE, SATURATE SAYING: THE EMERGENCY OF PRE-CONSTRUCTED**

**Dulce Beatriz Mendes Lassen<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Recorte da Dissertação de Mestrado No tecer dos fios: resistência no discurso das mulheres camponesas, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Graduada em Letras (UNIJUI). Professora de Língua Portuguesa da Rede Pública Estadual. Mestre em Letras (UFRGS), e acadêmica de Direito (UNIJUI).

**Resumo:** O presente texto realiza uma análise de formulações oriundas do discurso do Movimento de Mulheres Camponesas - MMC, com objetivo de observar como o processo de reformulação e paráfrase satura os dizeres e reafirma pré-construídos.

**Palavras-Chave:** Discurso, repetição, paráfrase.

**Abstract:** The present text had conducted an analysis' formulation from discourse of the Peasant Women' Movement (PWM) with object to watch as formulation process and paraphrase saturates the sayings and reassure pre-constructed.

**Key-words:** Discourse, repetition, paraphrase.

### **Introdução**

Neste texto, apresentamos uma análise do funcionamento da repetição-paráfrase no interior do discurso do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC). Nesse sentido, delimitamos aquilo que consideramos ser a *formação discursiva das mulheres trabalhadoras do campo* (FDMTC). Para esta análise, selecionamos uma sequência discursiva (*sd*), que chamaremos "*sd de referência*" (*sdr*), e outras sequências discursivas que têm relação com a FDMTC.

*Sdr.* O Capital e o Patriarcado se entrelaçam para dominar e explorar.  
([http://www.mmcbrazil.com.br/materiais/publicacoes/folder\\_tbase2007.pdf](http://www.mmcbrazil.com.br/materiais/publicacoes/folder_tbase2007.pdf))

As margens da FDMTC são delimitadas na oposição e na refutação do discurso-outro: o discurso do capital, e da sociedade patriarcal e machista. Para nós, essa sequência de referência funciona conforme a noção de formulação-origem, explicitada por Courtine (2009). Ela não é o "começo", "mas constitui o lugar onde se pode determinar, no desenvolvimento do processo discursivo, o surgimento de enunciados que figuram como elementos de saber próprios a uma formação discursiva (FD)" (idem, p. 112). A cada (re)atualização da formulação-origem temos um novo ressoar do já-significado.

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

Há no discurso do MMC um processo de reformulação-paráfrase, em que as (re)formulações retornam, via memória discursiva, por meio do processo parafrástico para se atualizarem como efeitos de memória no fio do discurso. O que nos inquieta nesse processo de reformulação-paráfrase, contingente ao discurso, é entender em qual dos eixos se inscrevem as formulações do MMC: o eixo vertical da memória histórica ou o eixo horizontal da memória metálica?

Sabemos que a repetição de elementos sem inscrição na história permanece no nível da memória metálica, pois simplesmente lineariza o interdiscurso, e reduz os discursos-outros a uma mera reformulação/acomodação de já-ditos. É posto que o discurso do MMC repete discursos-outros, constituindo-se fortemente heterogêneo, entretanto, há espaço para o deslocamento, para questionamentos, rupturas ou somente há repetição em extensão, com acomodação de já-ditos?

A partir da escolha da *sdr*, organizamos as sequências discursivas em recortes. Lagazzi (2009) explica que o gesto analítico de recortar visa ao funcionamento discursivo, e a compreensão do estabelecimento de relações significativas entre elementos significantes. Visando, portanto, analisar o funcionamento discursivo, dividimos as análises em dois recortes. No primeiro, desenvolvemos uma discussão sobre a repetição-paráfrase e o retorno de pré-construídos. E, no segundo, observamos a determinação discursiva, discutindo como seu funcionamento permite que enunciados provenientes de outras regiões de saber possam ser (re)inscritos no discurso do MMC.

## **Desenvolvimento**

### **Recorte I** - a mulher como objeto da ação do homem

Neste recorte, analisaremos o processo de nominalização como uma maneira possível de pensar a manifestação do que é do nível do interdiscurso, na forma de pré-construído, no eixo intradiscursivo. Listamos as *sds* em bloco com o objetivo de observar o processo de repetição-paráfrase e como, neste processo, manifesta-se o pré-construído.

*Sd 1.* O Movimento de Mulheres Camponesas afirma a luta feminista, popular na perspectiva socialista e agroecológica, construindo uma nova sociedade com novas relações. Estas novas relações supõem compartilhar o poder, as riquezas e o saber, superando a dominação, a opressão, a exploração e a violência, cultivando o respeito e preservação entre os seres humanos e deste com a biodiversidade, a natureza. ([http://www.mmcbrazil.com.br/materiais/publicacoes/cartilha\\_defesa\\_vida\\_2008.pdf](http://www.mmcbrazil.com.br/materiais/publicacoes/cartilha_defesa_vida_2008.pdf))

*Sd 2.* O contexto em que as mulheres camponesas e indígenas estão inseridas demonstra o quanto o respeito à vida, aos direitos humanos, ao acesso a terra e às políticas sociais como a saúde e a educação ainda estão longe de serem efetivadas. Ao contrário, observa-se como vai se acentuando a opressão, exploração, discriminação, dominação e violência sobre as mulheres. Estas acabam sentindo com mais intensidade as marcas da sobrecarga que constituem o cotidiano de suas vidas. ([http://www.mmcbrazil.com.br/materiais/publicacoes/folder\\_tbase2007.pdf](http://www.mmcbrazil.com.br/materiais/publicacoes/folder_tbase2007.pdf))

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

*Sd 3.* Lutar contra todas as formas de violência, opressão e discriminação é nosso dever enquanto mulheres e companheiras de luta! Combater a violência cometida contra as mulheres é uma tarefa de toda a sociedade. Basta de violência contra as mulheres. ([http://www.mmcbrazil.com.br/materiais/241110\\_25\\_novembro.pdf](http://www.mmcbrazil.com.br/materiais/241110_25_novembro.pdf) )

*Sd 4.* Na esfera da cultura, a opressão e a discriminação sobre as mulheres sustentam-se pela ideologia burguesa machista, que, quando não consegue a hegemonia pelo convencimento das mulheres de que sua condição é esta e que deve ser assim, vale-se da repressão e da violência para oprimi-las. ([http://www.mmcbrazil.com.br/materiais/publicacoes/cartilha\\_defesa\\_vida\\_2008.pdf](http://www.mmcbrazil.com.br/materiais/publicacoes/cartilha_defesa_vida_2008.pdf))

*Sd 5.* O processo de saúde-adoecimento está intrinsecamente relacionado com as condições de vida das pessoas, com o trabalho, o ambiente, ou seja, há um conjunto de questões que determinam e/ou condicionam os processos de saúde e de adoecimento das pessoas. No caso específico das mulheres e da população negra e indígena, além disto, pesa as marcas da opressão, dominação, exploração e violência que foi sendo imposta pela sociedade de classes e sustentada pela cultura racista e patriarcal. ([http://www.mmcbrazil.com.br/materiais/publicacoes/cartilha\\_defesa\\_vida\\_2008.pdf](http://www.mmcbrazil.com.br/materiais/publicacoes/cartilha_defesa_vida_2008.pdf))

Nas sequências repetem-se substantivos: dominação, opressão, exploração, discriminação, repressão, que derivam de verbos indicativos de ações. Junto a esses ainda aparece, reiteradamente, o substantivo *violência* formando um processo de repetição-paráfrase de elementos que retornam aos mesmos espaços de saber, pois os substantivos relacionados pressupõem ação de alguém que causa dano sobre um outro alguém.

Embora na *sd 1* não localizemos, na materialidade linguística, o sujeito ou os sujeitos que sofrem a ação - a única marca é a referência ao discurso feminista, o que pressupõe que o gênero sobre o qual a ação se dá seja o feminino - nas *sds 2, 3 e 4* pode-se observar que as ações de dominar, oprimir, reprimir, explorar, discriminar e violentar se dão “sobre as mulheres”, ou “contra as mulheres”. Isso acontece também na *sd 5*, mas nesta há o acréscimo de duas minorias étnico-raciais: a população negra e indígena, e nesta *sd* pressupõe-se que não se incluam somente as mulheres, mas também os homens: são as mulheres e as minorias raciais (nas quais se incluem os homens), portanto, que sofrem a ação. Essas considerações nos levam a questionar quem é esse sujeito que domina, oprime, explora, discrimina, reprime e violenta?

Entendemos que *a mulher* é uma marca presente na materialidade discursiva, e esta marca vai funcionar como pista para identificar o outro sujeito, que é “o homem”. Na sequência do nosso texto procuramos observar como determinadas marcas funcionam como pistas para identificarmos esse outro.

Começamos analisando as marcas linguísticas *mais* na *sd 2*, e *além disto* na *sd 5*. Essas marcas emergem como uma cicatriz do retorno do pré-construído, pois este, quase imperceptível - a presença-ausente -, impõe a realidade e a universalidade do sentido. O primeiro item - *mais* - amarra um discurso da ordem do “todo mundo sabe” que as mulheres têm tripla jornada de

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

trabalho (filhos e marido/casa/emprego) e, por isso, *mais* marca uma diferença em relação a um outro sujeito, já que esse outro sentiria “menos” a intensidade do trabalho. Aqui, associamos o efeito de sentido produzido pela marca *mais* ao efeito produzido pela marca *além disto* (na *sd 5*), pois, para nós, *além disto* diferencia as mulheres e as minorias do *outro*, produzindo o efeito de que a mulher e o outro sofrem, mas a mulher sofre mais e além do que o outro.

Nas *sds 4 e 5*, as formulações *ideologia burguesa machista, e imposta pela sociedade de classes e sustentada pela cultura racista e patriarcal* carregam as marcas da Formação Ideológica em que o discurso em análise está inscrito, e apontam para o modo como se estrutura a formação social nas condições de produção desse discurso: uma sociedade de classes, sob a sustentação de uma família patriarcal.

O discurso do MMC ao fazer retornar o modo como se organiza a formação social aponta para o sujeito dos verbos listados. É por meio da nominalização que se constrói o efeito naturalizador do pré-construído. As formulações *cultura patriarcal e machista* permitem acessarmos a memória desse dizer e observar que a sociedade patriarcal tem o homem como o responsável pela família, ou seja, pelos filhos e pela mulher. No senso comum, é atribuída ao homem a responsabilidade de prover a alimentação, vestuário, educação, segurança. Às mulheres foram atribuídas as funções de cuidar dos filhos, da casa, do marido etc. Essas práticas de diferenciação daquilo que é competência masculina e o que é atribuição da mulher cristalizaram-se ao longo da história.

No discurso em análise, as práticas discursivas referentes à relação *homem x mulher* materializam-se sob a forma do pré-construído de que o homem é o responsável pela família e é ele também que, ao ocupar os lugares sociais de marido e de pai, impõe a dominação, a opressão, a repressão etc. É, portanto, próprio ao funcionamento do pré-construído, que não seja necessário dizer quem é o outro, pois isso é da ordem do “já-sabido”.

Tal é a força do pré-construído, que, ao percebermos seu funcionamento, conseguimos observar a relação, entre ele e a forma-sujeito da FD, pois é essa relação que dá ao sujeito sua evidência de ser, e a evidência do sentido. Ou seja, o pré-construído são as evidências de sentido, e a forma-sujeito impõe essas evidências de sentido como universais.

Essa evidência de sentido que se impõe, pelo funcionamento da forma-sujeito da FD, como universal, pode ser observada na análise da *sd 6*.

*Sd 6.* Temos que compreender que a violência é sempre uma demonstração de poder contra outra pessoa, grupo, comunidade e com consequência danosa para a humanidade. A violência é tudo o que nos impede de liberdade, é todas as formas de proibição do agir e pensar, que nos oprime e explora, é não ter o direito de decidir por nós e sobre nós mesmas; são também, todas as ações que nos causam dor, sofrimento, doenças provocadas por alguém, podendo tanto, ser pessoa ou estrutura de poder como governos, igrejas associações diversas, etc.... ([http://www.mmcbrazil.com.br/materiais/241110\\_25\\_novembro.pdf](http://www.mmcbrazil.com.br/materiais/241110_25_novembro.pdf))

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

A *sd 6*, construída em primeira pessoa do plural, produz o efeito de generalização, mais uma vez, sob o retorno do pré-construído: quem comete a violência são os homens, ao passo que quem sofre são as mulheres. Expliquemo-nos: tanto a formulação *a violência é sempre uma demonstração de poder contra outra pessoa*, como o pronome pessoal “nós” e ainda o pronome indefinido “alguém” produzem na *sd* o efeito de sentido de que qualquer pessoa (independente de gênero) pode estar sujeita à violência, no entanto, a presença do feminino, na formulação *é não ter o direito de decidir por nós e sobre nós mesmas*, carrega a evidência do pré-construído de que é o homem o responsável por cometer violência, pois a variação de gênero em “mesmas” é o ponto onde o pré-construído cicatriza, e é por ali que podemos apreender o modo como se impõe para o sujeito do discurso do MMC a universalidade do sentido, ao ponto de tratar da violência como um produto proveniente da ação do homem.

Nem mesmo o deslizamento de sentido observado a partir da *sd 7* rompe com a evidência de que “é assim mesmo”:

*Sd 7*. O 08 de março historicamente foi demarcado pela mobilização, resistência e enfrentamento de milhares de mulheres no mundo, contra todas as formas de opressão, discriminação, exploração e violência a que eram submetidas. ([http://www.mmcbrazil.com.br/materiais/desperta/desperta\\_2011\\_01.pdf](http://www.mmcbrazil.com.br/materiais/desperta/desperta_2011_01.pdf) 3)

Na *sd 7*, o pretérito em “eram submetidas” produz o efeito de *descolar* as mulheres do passado das mulheres do presente, ou melhor, produz o efeito de sentido de que há uma ação acabada, finalizada, resolvida. É possível sintetizar com a seguinte formulação: *as mulheres eram submetidas à discriminação, mas, não são mais*. A paráfrase que tenta saturar a memória discursiva e impedir a polissemia, nessa sequência, desliza, escorrega para um sentido outro, aquele que não pertence a esse domínio de saber: *as mulheres não são mais subjugadas pela ação do outro*.

Esse efeito de sentido deveria estar interdito na FDMTC e, no entanto, emerge produzindo um deslizamento de sentido. Essa formulação que produz o efeito de que as mulheres não são mais submetidas à exploração pertence a um domínio de saber antagônico ao discurso das mulheres camponesas. Esse saber não pode ou não deve ser dito, mas, mesmo assim, é dito.

Quando o discurso do MMC afirma que é preciso romper com a exploração, opressão, repressão, discriminação, dominação está apresentando sua posição frente àquilo que considera ser uma ação proveniente da ação do homem e do funcionamento da formação social. Isso daria legitimidade às reivindicações, pois há motivo para que exista luta: as mulheres são exploradas, dominadas etc. No entanto, ao afirmar “as mulheres eram submetidas” abre-se o espaço para uma posição que se contra-identifica àquela sustentada pelo movimento.

Para o discurso desse movimento social, que refuta o modo como se organiza em classes a formação social capitalista, esse equívoco deixa à mostra um sujeito vacilante entre aquilo que precisa dizer para afirmar-se e aquilo que, na atual conjuntura, poderia vir a ser dito, ou ainda, é possível de ser dito em outra formação discursiva.

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

Para nós, “atual conjuntura” está significando o progresso alcançado pelas mulheres brasileiras em termos de equiparidade frente aos homens com ingresso no mercado de trabalho, ocupação de lugares de destaque e chefia, direito ao voto e maior participação política. Isso poderia representar a “não submissão”. Porém, há que se ressaltar, que as relações sociais no campo se estabelecem de maneira diferente ou, pelo menos, mudam com menos rapidez que nos centros urbanizados.

Então, a formulação em análise lineariza uma possibilidade de dizer que as situações mudaram e não se constituem mais em relações entre o explorador e o explorado. Esse efeito de sentido emergiu mesmo quando não poderia ser dito.

Por outro lado, esse deslize, capaz de (per)furar a saturação, não é suficiente para produzir deslocamentos no discurso do MMC e instaurar a polissemia, pois tal é a repetição de elementos em extensão, que a estratificação da memória desse discurso faz ressoar sempre o mesmo.

O efeito de sentido possível de ser produzido diante dessa repetibilidade é que a mulher foi/é objeto da ação do homem, a mulher é vítima do outro. Isso é um efeito produzido pelo discurso do MMC, quando as mulheres se colocam como objeto da ação do outro. Em nosso entender, essa repetição é necessária haja vista que o processo de *vitimização* da mulher camponesa faz parte da necessidade de autoafirmação e consolidação desse discurso.

Retornando aos substantivos elencados, elaboramos um quadro em que é possível observar a construção do pré-construído.

Nominalização		Objeto	Pré-construído	Verbo/ação	Objeto da ação
Dominação Exploração Discriminação Opressão Repressão Violência	Sobre  contra	a(s) mulher (es) e as minorias  (índios e negros)	Os homens	Dominam exploram discriminam Oprimem Reprimem Violência	As mulheres e as minorias

No primeiro quadro, à primeira coluna colocamos os nomes, na segunda coluna colocamos as preposições que indicam sobreposição ou um desfavor de alguém sobre um outro alguém. E, na terceira coluna, colocamos esse alguém “desfavorecido”. No quadro seguinte ao primeiro, preenchemos aquilo que julgamos ser o espaço do pré-construído. O pré-construído de que o homem - o gênero masculino - é o responsável pela ação, ou seja, por dominar, explorar, discriminar, oprimir, reprimir, violentar - preenche os espaços antes do nome. Bem como, a mulher e as minorias, consideradas objetos da ação, preenchem os espaços depois do nome.

Os discursos sobre a opressão da mulher, sobre a exploração, a discriminação, a repressão a

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

violência fazem parte da exterioridade do enunciável, ou melhor, fazem parte do nível vertical já inscrito em práticas, e retornam, como pré-construídos, por meio dos enunciados de que o sujeito enunciador apropria-se para enunciar.

Relacionando a discussão sobre os pré-construídos com a *sdr*, observaremos que aquilo que está marcado lá na sequência de referência como *capital e patriarcado*, aqui retorna como o *homem*. Ou seja, já está lá na *sdr*, já foi dito em outro lugar, por isso esse retorno se dá sob a forma do já-sabido, e, portanto, não precisa ser dito novamente.

**Recorte II - a mulher e a sua ação**

Queremos, neste recorte, observar como o discurso do MMC marca a ação das mulheres camponesas frente ao pré-construído de que o homem é o responsável por submetê-las à violência e à exploração, por exemplo. O objetivo é explorar os funcionamentos discursivos diferenciados que emergem nas *sds*, para compreendermos como, mesmo na tentativa de reação, as mulheres fazem retornar em seu discurso pré-construídos que permanecem no nível da repetição-paráfrase. Para isso, listamos as sequências discursivas a seguir.

*Sd 8.* A identidade subalterna, construída nas mulheres, leva a frustração e muitas vezes a competição entre elas mesmas. Porque as mulheres precisam disputar um homem? Porque tanto investimento do capital para remodelar e fabricar mulheres “perfeitas”? ([http://www.mmcbrazil.com.br/materiais/publicacoes/cartilha\\_defesa\\_vida\\_2008.pdf](http://www.mmcbrazil.com.br/materiais/publicacoes/cartilha_defesa_vida_2008.pdf))

*Sd 9.* A identidade subalterna, construída nas mulheres, leva à frustração e muitas vezes à competição entre elas mesmas. Mas por que tanto investimento do capital para remodelar e fabricar mulheres “perfeitas”?

Se elas precisam sempre estar concorrendo entre si, sendo mutiladas e enfeitadas para agradar o outro, é porque há um grande sentimento de inferioridade, que precisa ser superado. De fato, os homens são seres que se bastam a si mesmos... ([http://www.mmcbrazil.com.br/materiais/publicacoes/folder\\_genero\\_2008.pdf](http://www.mmcbrazil.com.br/materiais/publicacoes/folder_genero_2008.pdf))

*Sd 10.* Além disso, são forjados padrões e estereótipos que nos bombardeiam todos os dias pelos Meios de Comunicação de Massa. É nos imposto seguir o exemplo do padrão de boas donas de casa, mães exemplares, esposas servis e, também consumidoras. A cobrança sobre como temos que ser enquanto sexualidade não passa despercebida: o corpo esbelto e turbinado, sempre pronta para servir e agradar, senão “corremos o risco de sermos trocadas por outra” – como se não passássemos de uma Mercadoria mesmo. ([http://www.mmcbrazil.com.br/materiais/cartilha\\_violencia\\_2009.pdf](http://www.mmcbrazil.com.br/materiais/cartilha_violencia_2009.pdf))

*Sd 11.* Assim, as mulheres são impedidas de decidirem sobre suas vidas e seus corpos e induzidas, acima de tudo, por um sistema capitalista patriarcal que nos põe umas inimigas e concorrentes com as outras. Mulheres camponesas: caminhando rumo à superação da violência Quando tomam atitudes que quebram com algumas imposição são criminalizadas e punidas.

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

([http://www.mmcbrazil.com.br/materiais/cartilha\\_violencia\\_2009.pdf](http://www.mmcbrazil.com.br/materiais/cartilha_violencia_2009.pdf))

Nesse momento da discussão queremos compreender como determinantes discursivos saturam as expressões de maneira a qualificá-las como elementos de dizer ideologicamente identificados à FD que afeta o discurso em que tais expressões ocorrem (INDURSKY, 1997, p. 180).

A operação de determinação discursiva satura o nome e habilita-o a ocupar um lugar em uma sequência discursiva. Para Indursky (1997), um adjetivo justaposto a um substantivo funciona como modificador de sua extensão, contribuindo para ampliar a compreensão, limitando a extensão e promovendo a identificação do dito com a FD que afeta o sujeito da sequência discursiva.

Indursky (1997) explica que o sujeito é compelido, pela formação discursiva que o afeta, a saturar o substantivo. Segundo a autora, a determinação discursiva é uma seleção de cunho ideológico, e não uma escolha individual, pois é regulada pela forma-sujeito da FD em que o sujeito está inscrito e, portanto, é um modo de representação na linguagem da filiação ideológica desse discurso.

A determinação discursiva, conforme Indursky (1997), é um processo bastante complexo e para analisá-lo é necessário decompô-lo em três níveis: o intradiscursivo, o intersequencial e o interdiscursivo.

O nível intradiscursivo da determinação discursiva pode ser observado quando o dito é plenamente determinado, estabelecendo o limite do dizer. O nível intersequencial é observado quando as diferentes determinações intradiscursivas dispersas no *corpus* evidenciam a construção de um processo discursivo. E o nível interdiscursivo é observado quando o intradiscursivo é relacionado com o interdiscursivo, e o dito passa a fazer contraponto com o não dito.

De acordo com Indursky (*idem.*), a saturação dos nomes sofre as coerções da FD em que as formulações são empregadas, de modo que sejam adequadas à formação ideológica em que o discurso está inscrito. Enquanto Indursky analisa os determinantes da própria formação discursiva que abriga o discurso dos presidentes militares, nós analisaremos os determinantes que não são da FDMTC, mas que são trazidos para o discurso do MMC para serem negados.

#### Determinação intradiscursiva

A saturação promovida pela determinação intradiscursiva vai assegurar coerência ideológica ao já-dito (INDURSKY, 1997). A referida autora, ao analisar o discurso presidencial da República Militar Brasileira, explicou que a saturação discursiva dos itens lexicais *democracia e brasileiros* se fez obrigatória para que as sequências pudessem se contrapor a um conjunto de enunciados pré-construídos que circulavam no interdiscursivo.

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

No *corpus* em análise, o caso do determinante discursivo “*perfeitas*”, que aparece junto ao item lexical *mulher* nas formulações das *sds* 8 e 9, está marcando a presença do discurso do outro, que é trazido para ser negado, pois o uso das aspas evidencia que isso não pertence ao discurso do MMC.

Por outro lado, são as próprias aspas que constroem o efeito de contraposição, pois elas permitem que se instaure um questionamento ao próprio determinante. E assim abre-se espaço para o sentido outro, para o efeito de sentido de que, mesmo havendo investimento do capital, as mulheres não são perfeitas. São as aspas, portanto, que asseguram a coerência ideológica ao dito e a identificação à FDMTC.

Determinação intersequencial

Na determinação intersequencial são relacionadas diferentes determinações intradiscursivas, que estão dispersas nas *sds*. Não parece o caso das sequências que selecionamos, pois não encontramos determinantes para o item lexical *mulher* nas *sds* deste recorte, e isso não nos permite trabalhar com uma matriz parafrástica, entretanto, não nos impede de observarmos o processo discursivo que esse item instaura no discurso em análise.

O item lexical *mulher* sofre nas *sds* a substituição por outros itens como *donas de casa*, *mães* e *esposas*. Essa substituição, porém, não invalida a paráfrase e a saturação do primeiro item – mulher – que é o referente de itens como *perfeitas*, *boas*, *exemplares*, *servis*. Vejamos no quadro abaixo:

Item lexical	Determinante discursivo
Mulheres { Donas de casa Mães Esposas	“perfeitas” Boas Exemplares Servis

Em nosso entender, os determinantes discursivos elencados saturam o nome, de modo que o item *mulher* adquire um contorno, uma extensão, ou, como explica Indursky (1997, p. 183), “a especificidade de sua referência foi construída discursivamente”. Essa especificidade, em nosso *corpus*, se constrói com a apropriação da voz do outro, pois “mulher boa, exemplar servil”, não pertence à FDMTC, mas aí retorna para ser refutada. Na apropriação/refutação do discurso-outro, vai se construindo discursivamente o confronto de posições-sujeito, inscritas em FDs antagônicas.

O uso de aspas em “*perfeitas*” produz esse efeito de refutação, já em *boas* e *exemplares* produz-se um efeito de sentido pejorativo, porém, o efeito de refutação só se completa com o determinante discursivo *servis*, que acompanha o item lexical *esposas*. Essa formulação, *esposas*

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

*servis*, produz o efeito de sentido de que a mulher é uma subordinada e deve estar sempre pronta para desenvolver suas tarefas. Essa afirmação não faz parte da FDMTC, mas é dita para que o processo discursivo se construa, ou melhor, é necessário que o pré-construído em outro lugar e pertencente a uma outra região de saber esteja marcado no discurso do MMC, pois é esse dito que permitirá que as formulações dos saberes próprios à FDMTC se linearizem.

Embora a determinação intersequencial observada em nosso *corpus* seja um pouco diferenciada daquela explicitada por Indursky, julgamos que a construção do processo discursivo pode ser observada por esse viés analítico, e que o modo como o discurso do MMC satura o item lexical *mulher*, conforme observamos em mais de uma sequência, constrói a extensão da referência desse item para que ele possa participar coerentemente no interior da FD em que o discurso das mulheres camponesas está inscrito.

#### Determinação interdiscursiva

Vimos que na determinação intradiscursiva, o sujeito do discurso do MMC satura o nome de modo a inscrevê-lo adequadamente em uma sequência discursiva, já a determinação intersequencial habilita o nome a participar coerentemente na FD que abriga esse discurso. Na determinação interdiscursiva há a necessidade de observarmos a relação entre intra e interdiscurso.

De acordo com Indursky (1997, p. 185), a determinação interdiscursiva decorre das “relações que a sequência discursiva estabelece com seu exterior constitutivo, ideologicamente identificado com a FD pela qual a sequência discursiva em questão está afetada”. Para observarmos as relações do item *mulher* com a sua exterioridade constitutiva, buscamos analisar também a determinação discursiva de um outro item lexical - *corpo* - que sofre a saturação dos adjetivos *esbelto* e *turbinado*, na *sd 10*.

Ao relacionarmos as *sds 8, 9 e 10*, observamos que a determinação intersequencial, mesmo não agindo somente sobre um item lexical, permite estabelecer uma relação entre os itens lexicais *mulher* e *corpo*. Este, ao sofrer a saturação, reivindica o estabelecimento de relação com o item lexical *mulher*. É preciso dizer que esse é um funcionamento próprio a esse discurso. Em um outro discurso essa relação pode ser estabelecida com outros itens.

Salientamos também que essa relação, que se apresenta tão óbvia, é um pré-construído, pois ao formularmos “*corpo da/de mulher*”, ou então, ao relacionarmos o nome *mulher* ao nome *corpo*, somos, por assim dizer, vítimas da universalização própria ao pré-construído, já que é *natural* justapor à discussão sobre o “*corpo*” à discussão sobre a “*mulher*”.

Para que se estabeleça esse tipo de relação, é necessária a mobilização das condições de produção, que vão agir delimitando o sentido, e do interdiscurso, que possibilita que o dizer seja dito, a partir de uma FD. Assim, é possível estabelecer a relação entre *mulher x corpo*, na conjuntura em que esse discurso emerge.

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

A determinação interdiscursiva, conforme Indursky (1997, p. 186), em seu esforço de saturação, acaba por transformar-se, nesse nível de análise, em um vestígio dos discursos silenciados pelo sujeito do discurso. Segundo a autora, nesse nível da determinação discursiva, o sujeito do discurso não apenas define seu dizer, mas também define o não-dito, no interior de uma mesma FD.

O exame da determinação discursiva em terceiro nível mostra que o mesmo gesto verbal, que leva o sujeito do discurso a saturar adequadamente seu dizer para que este corresponda com coerência ao que pode ser dito no âmbito referencial da FD pela qual é afetado, também o leva a definir o não-dito, que permanece recalcado no interdiscurso específico de sua FD. (idem, p. 186)

Na sequência dessas considerações, a autora faz referência a um trabalho de Orlandi sobre o silêncio, em que há uma tematização sobre a questão do dito/não dito. Assim, “a política do silêncio se define pelo fato de que ao dizer algo, apagam-se necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 1993, p. 11 *apud* INDURSKY, 1997, p. 186). Entretanto, a pesquisa de Orlandi diferencia-se das afirmações de Indursky, pois a primeira examina o funcionamento do dito/não-dito para definir as fronteiras entre as FDs, já a segunda examina o funcionamento do dito/não-dito em *um mesmo espaço discursivo*, ou seja, no interior de uma única FD. Para Orlandi, o não-dito é necessariamente excluído, já para Indursky, o não-dito é necessariamente recalcado pelo viés da determinação discursiva.

Em nosso trabalho, julgamos que a determinação interdiscursiva deve ser examinada tendo em vista o contato entre FDs antagônicas, em um mesmo espaço de saber. Observando-se, pois, aquilo que é necessariamente dito no interior de uma FD, para que algo seja negado, refutado. Marcamos aqui a diferença entre as determinações analisadas por Indursky (op. cit.), que dizem respeito aos dizeres que são da FD, e as determinações que estamos analisando, que dizem respeito aos dizeres que não pertencem à FDMTC.

A formulação “*o corpo esbelto e turbinado, sempre pronta para servir e agradar*”, é necessariamente dita e irrompe no fio do discurso do MMC linearizando um enunciado dito em uma região de saber divergente, para que, por meio de um encaixe discursivo, os saberes próprios à FD em análise possam contrapor-se, refutando o discurso-outro, que não deve fazer parte desse domínio de saber.

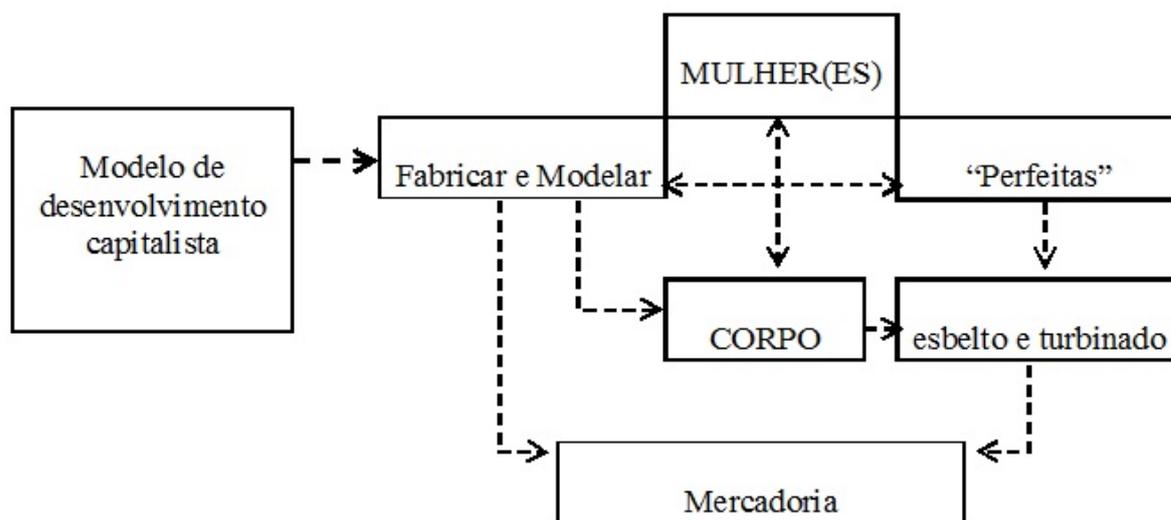
A determinação sofrida pelo item lexical *corpo* define a extensão da dimensão simbólica que “o corpo” tem no discurso do MMC. Nesse discurso, “corpo esbelto e turbinado” remete ao corpo

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

da mulher, haja vista a sequência da formulação: “sempre pronta para servir e agradar”. Mas não ao corpo da mulher camponesa, pois essa não deve ser subserviente, servil etc.

Feitas essas relações entre as sequências, passamos a observar a determinação interdiscursiva.

O discurso do MMC procura negar o discurso do outro para afirmar o que lhe é próprio. Para que isso se dê, aquilo que vem de outros domínios de saber é linearizado no eixo intradiscursivo, de modo que o questionamento, a refutação, a negação possam ser instaurados. Tendo em vista essa materialização do discurso-outro, a partir das *sds* listadas no início do recorte, elaboramos o esquema abaixo para observar a relação que se estabelece entre intradiscurso e interdiscurso.



Do lado esquerdo do esquema está o modelo de desenvolvimento capitalista. O item lexical *mulher(es)* ocupa a parte superior, pois ele é o referente discursivo dos outros itens elencados. Do lado esquerdo ao item *mulher(es)*, colocamos dois verbos *fabricar e modelar*, do lado direito, o determinante “*perfeitas*”. Abaixo de “*mulher(es)*”, colocamos o item lexical *corpo*, juntamente com os determinantes “*esbelto e turbinado*”. Em seguida, funcionando como o ponto de encontro entre os lados esquerdo e direito, aparece o item lexical “*Mercadoria*”.

Nessa representação esquemática, procuramos sistematizar as discussões anteriores, assim, entendemos que as mulheres camponesas atribuem ao modelo de desenvolvimento capitalista algumas ações consideradas negativas como, por exemplo, a exigência de que o corpo feminino persiga um ideal de beleza. Para tanto, segundo as mulheres, o capitalismo fabrica e modela um ideal de perfeição, que nada mais é do que um corpo esbelto e turbinado. Um corpo assim modelado é o corpo socialmente aceito, pois teria o formato adequado, ou melhor, teria a forma adequada ao sistema, uma forma de mercadoria.

Estão presentes no interdiscurso determinados discursos sobre a mulher, em que seu corpo

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

aparece associado à beleza, à sedução, à sensualidade e à sexualidade. Enunciados que tratam dessas questões, sustentam dizeres relativos à mulher e seu corpo, e aparecem como naturais: é “natural” que se discuta a questão do “corpo esbelto e turbinado” tendo-o como referente à mulher, e não haja referência à questão do corpo masculino. De modo que, é possível preencher o espaço no início da formulação do seguinte modo “*a mulher deve ter um corpo esbelto e turbinado*”.

O esquema é representativo do retorno do interdiscurso no intradiscursos, ou seja, ressoam no discurso do MMC discursos que foram sendo sedimentados ao longo de um processo em que o corpo passou a ser concebido como um objeto/mercadoria, e a ser explorado com o objetivo da lucratividade. Daí a necessidade da “perfeição”.

Na medida em que o discurso do MMC questiona o investimento realizado pelo capitalismo para fabricar e modelar um ideal de perfeição, também instaura o questionamento à imagem de que para ser perfeito um corpo deve ser esbelto e turbinado. E, com isso, materializa em seu discurso o modo como o corpo da mulher entra no processo de produção, onde tudo o que interessa é forma, ou seja, a mercadoria, a partir da qual se obterá o lucro. Poderíamos representar do seguinte modo:

Capitalismo	Fabricar e modelar	Mulheres	Perfeitas	Mercadoria
		Corpo	Esbelto Turbinado	

A partir disso retornamos à questão da determinação interdiscursiva. Até agora, observamos aquilo que está materialmente marcado, ou seja, o modo como, para o MMC, o capitalismo concebe o corpo da mulher. A saturação realizada por esse discurso faz com que as formulações observadas correspondam coerentemente ao modo como os dizeres próprios à FDMTC negam o discurso-outro. Mas essa saturação também é o vestígio do não-dito, daquilo que só pode ser observado com a mobilização do interdiscurso. Ou seja, é silenciado *que* também se tem exigido um corpo perfeito do homem.

Esse silenciamento funciona como uma justificativa para que seja instaurada uma outra discussão, que tem como ponto principal a relação mulher *versus* mulher. Vejamos as formulações:

<b>Competição</b> entre elas mesmas (sd 8)
Precisam <b>disputar</b> um homem (sd 8)
Precisam sempre estar <b>concorrendo</b> entre si (sd 9)
Umam inimigas e <b>concorrentes</b> com as outras (sd 11)

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

Nas formulações é possível observar que há uma *rivalização* de uma mulher *versus* outra mulher. As marcas discursivas desse embate aparecem destacadas em negrito. Transformando os itens lexicais negritados em verbos, teremos o seguinte: *competir, disputar, concorrer*. Esses verbos são indicativos de que há um outro sujeito envolvido na situação, pois a competição, a disputa ou a concorrência só vão se concretizar se mais de um sujeito estiver envolvido nessas ações.

As próprias mulheres camponesas se questionam sobre a disputa/ concorrência/competição com outra mulher. Como se pode observar, esse processo de *rivalização* não é diretamente relacionado ao homem. Entretanto, essas questões vêm ao encontro da discussão realizada anteriormente, quando desenvolvemos uma análise dos itens lexicais *mulher* e *corpo*. O “corpo perfeito” é parte da *rivalização* que se estabelece de uma mulher em relação à outra. Aquela que estiver “com tudo em cima”, estará na frente em busca por um parceiro do sexo masculino.

Postas essas considerações, é necessário realizar uma retomada. Estamos afirmando que, a partir das análises deste recorte, é possível observar um processo de *rivalização* de mulher *versus* mulher. A formulação “corremos o risco de sermos trocadas por outra” (*sd* 10) evidencia o temor sentido pelas camponesas de perderem seus homens para as suas semelhantes.

Entendemos que o discurso do MMC, ao mesmo tempo em que responsabiliza o homem, o sexo oposto, como o culpado pela opressão, discriminação etc., contraditoriamente, assume que as mulheres entram em conflito, chegando mesmo a disputar, competir e concorrer entre si, por causa dos homens.

Entretanto, é preciso observar que a própria disputa entre as mulheres é atribuída ao outro, pois nas *sds* deste recorte ocorre o mesmo funcionamento do recorte I. Vejamos:

<b>Estrutura da passiva</b>	<b>complemento agente/pré-construído</b>
<p>construída nas mulheres                      são forjados padrões e estereótipos                      é nos imposto                      são impedidas de decidirem [...] e induzidas                      são criminalizadas e punidas</p>	<p>por um sistema capitalista                      patriarcal</p>

Transformando a estrutura passiva para a estrutura ativa teremos o seguinte:

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

Pré-construído/sujeito da ação	Ação	Objeto da ação
O capital O homem	Construir Forjar Impor Impedir Induzir Criminalizar Punir	As mulheres

No recorte I, dissemos que há um pré-construído de que é o homem o responsável por subjugar a mulher, oprimindo-a, violentando-a, reprimindo-a etc. Neste recorte, ao analisarmos as estruturas sintáticas das *sds*, observamos que os agentes da passiva conduzem ao mesmo agente das nominalizações do recorte anterior.

Assim, diante das estruturas presentes no primeiro quadro, nos perguntamos: “por quem?”. A resposta a esse questionamento aparece materializada linguisticamente somente na *sd 11*, nas outras *sds* ela aparece como um pré-construído, como uma construção anterior. Mas na *sdr*, delimitada no início das análises deste capítulo, o pré-construído aparece marcado. Ou seja, é já-lá que o sistema capitalista (capital) e a sociedade patriarcal (homem) são os responsáveis por construir nas mulheres uma identidade subalterna, forjar padrões e estereótipos, impor um padrão, impedir que decidam sobre as suas vidas etc.

Entendemos que essa discussão só é possível com a mobilização da memória discursiva, pois é ela que permite acessar os enunciados já inscritos nas práticas do MMC e, desse modo, observar como se discursivizam esses pré-construídos provenientes do interdiscurso, em um novo (ou velho) processo de repetição-paráfrase.

### Considerações finais

Desenvolvemos considerações, especialmente, sobre interdiscurso, pré-construído e memória discursiva, e também realizamos uma discussão em torno do processo de repetição-paráfrase.

Observamos que o discurso do MMC retorna a discursos já inscritos em determinadas práticas, e repete elementos em extensão na medida em que sempre retorna ao mesmo espaço de dizer “**negar/refutar/contrapor o discurso-outro** (discursos do e sobre o capitalismo e sobre o gênero masculino) **para afirmar o que é seu**”. Assim, esse discurso permanece, como observamos nos recortes, no nível horizontal.

O processo parafrástico, portanto, se sobressai à polissemia, e o discurso do MMC permanece

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

na ordem da memória metálica. Ao mesmo tempo, esse discurso é da ordem da ruptura, da ordem da memória histórica, da repetição vertical, pois ao refutar, repelir, negar o discurso hegemônico da sociedade patriarcal e capitalista, acaba instaurando o sentido outro, e movimentando a memória discursiva.

O MMC, de dentro da sociedade capitalista e patriarcal resiste à dominação, dentre outras maneiras, por meio do seu discurso. Carregando para dentro de sua enunciação, dizeres de resistência ao sistema capitalista patriarcal, o discurso do MMC parafraseia, repete e reinscreve em uma nova ordem histórica o discurso da luta pela terra, o discurso pela proteção ambiental, o discurso da família como célula da sociedade, o discurso das minorias étnicas e raciais, o discurso dos excluídos...

### Referências

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político:** o discurso comunista endereçado aos cristãos [1981]. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e as outras vozes.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

LAGAZZI, Suzy. Recorte signficante na memória. In: INDURSKY, Freda.; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina.; MITTMANN, Solange. (Org.). **O discurso na contemporaneidade:** materialidades e fronteiras. São Carlos, 2009, v., p. 61-72.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. 2ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.